

MOMENTO CULTURAL E A PRESENÇA DE OBRAS E AUTORIAS NEGRAS: UMA ESTRATÉGIA FORMATIVA

Alessandra Tavares e Maria Paula Twiaschor

Alessandra Tavares¹, Maria Paula Twiaschor²

MOMENTO CULTURAL E A PRESENÇA DE OBRAS E AUTORIAS NEGRAS: UMA ESTRATÉGIA FORMATIVA

Artigo extraído do “ESCREDOCÊNCIAS – CADERNO ESPECIAL
DO CONGRESSO INTERNACIONAL MOVIMENTOS DOCENTES
VOLUME ÚNICO”³

¹ Comunidade Educativa CEDAC – CE CEDAC e Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social PPGAS - USP

² Comunidade Educativa CEDAC – CE CEDAC e Especialização Instituto de Psicologia - USP

³ <https://www.vveditora.com/eventos/978-65-6063-010-9>, Acesso em 13 de maio de 2024.

RESUMO

Este trabalho discorre sobre o Momento Cultural em Contexto de Formação, estratégia de formação de educadores em contexto profissional planejada com a intencionalidade de oferecer um espaço de apreciação estética e fruição artística. Utilizada na abertura dos encontros formativos, essa estratégia vai além da mera exposição de obras literárias e seus autores. Configura-se como um espaço de ampliação do repertório cultural, apreciação coletiva e de discussão sobre temas importantes que refletem nossas formas de ver o mundo, de valorizar as diferentes culturas, em uma perspectiva plural, diversa, multipolar e antirracista. Este relato de experiência explora a utilização dessa estratégia no âmbito da formação dos profissionais para as relações étnico-raciais na escola, de forma a mobilizar o grupo a refletir e compreender melhor como se dão as relações de poder e dominação na nossa sociedade pelo viés étnico-racial. A investigação se concentra, portanto, na inserção de autorias negras e a recepção destas obras no contexto da formação e revela como o Momento Cultural se torna uma potente estratégia de letramento racial de educadores que podem, a partir da sua própria experiência e da discussão em grupo, ampliar seu espaço de reflexão e ação sobre as práticas nas escolas de forma a não reproduzir concepções e práticas racistas.

Palavras-chave: Estratégia formativa, repertório cultural, letramento racial.

INTRODUÇÃO

É no diálogo com o outro e com a cultura que cada um é constituído, desconstruído, reconstruído cotidianamente. O acesso aos bens culturais é meio de sensibilização pessoal que possibilita, aos sujeitos, apropriar-se de múltiplas linguagens, tornando-o mais aberto para a relação com o outro, favorecendo a percepção de identidade e alteridade. (LEITE, 2005, p. 23)

O Momento Cultural é uma estratégia de formação de adultos em contexto profissional, tradicionalmente usada pela Comunidade Educativa CEDAC⁴, planejada com a intencionalidade de ser um espaço de apreciação estética e fruição artística que, preferencialmente, não está orientada a uma finalidade prática e/ou conectada com o conteúdo da pauta do encontro, tendo como princípio básico que a arte faz parte da formação integral do sujeito. Realizado no início do encontro formativo, o Momento Cultural consiste na abertura de um espaço para observação e exploração de obras de arte, leitura de textos literários, exibição de um teaser/trailer/cena de um filme, a audição de uma canção, sendo o objetivo ampliar seu conhecimento estético, artístico e literário. Sua duração é de aproximadamente 20 a 30 minutos, organizado de forma a permitir tempos de contextualização, apreciação e discussão entre os participantes, e tem um caráter de acolhimento dos participantes, além de contribuir para a ampliação do repertório cultural.

A Comunidade Educativa CEDAC, desde 2020, tem ampliado o debate dentro da instituição para a reflexão em torno das relações étnico-raciais no campo educacional, provocando a mobilização das suas equipes para a importância de pautar essa discussão nos diferentes projetos em que atua. Assim, com este relato de experiência pretendemos, mais do que apresentar e colocar em debate o momento cultural como parte da formação integral dos indivíduos, aprofundar a discussão sobre a inclusão de autorias negras e indígenas nestes momentos, e a possibilidade de discussão e sensibilização dos conteúdos que estas mobilizam no letramento racial dos participantes.

Atuando há vários anos como formadoras em programas da Comunidade Educativa CEDAC, observamos que esta prática de abrir os encontros formativos com um momento de ampliação de repertório cultural, estético, artístico e literário dos participantes está difundida em muitos dos municípios com os quais trabalhamos. Contudo, nos últimos anos, a partir das discussões sobre as relações étnicoraciais, a instituição começou a questionar a

⁴ Organização da Sociedade Civil (OSC) que cria e implementa estratégias para promoção da melhoria de práticas educativas das redes públicas no Brasil. Atua na formação e desenvolvimento de profissionais da educação.

abrangência e diversidade dessa prática em função da baixa presença de autores e obras indígenas e negras nesses momentos.

É importante destacar o papel da arte na produção da nossa imagem sobre o mundo e sobre a própria humanidade. A partir da leitura dos trabalhos de Ane Mae Barbosa⁵, podemos refletir que o papel da arte dos povos indígenas e negros na escola foi reduzido às produções folclóricas e comemorativas, deixando de lado a interpretação estética. O ponto central de tal reducionismo está na incompreensão acerca da nossa própria produção cultural, a ausência de exercício do olhar estético e o valor sobre as artes clássicas, que ainda torna distante e incompreensível a apreciação das manifestações culturais subalternizadas, mantendo a elitização. Neste sentido, a arte foi utilizada como forma de poder e status, sendo atribuída a um pequeno grupo, como forma de preservar este preciosismo.

O sentido do momento cultural está no processo de ampliação do repertório cultural, o que compreende a amplitude de conhecimentos, experiências e a formação do indivíduo, armazenados no decorrer de sua vida. É um dispositivo que precisa ser estimulado na expressão de ideias, emoções, percepções e inovações.

Apresentamos a seguir uma parte do processo formativo desenvolvido no formato on-line com um grupo de diretores escolares de um município do interior de São Paulo⁶ realizado em 2021. Para nossa discussão, recortamos dois momentos culturais, fazendo alguns apontamentos sobre a discussão gerada no grupo formativo, ampliando para uma avaliação mais geral dos municípios e as percepções das formadoras de referência deste grupo de diretores.

MOMENTO CULTURAL: ROSANA PAULINO

Neste momento cultural foram apresentadas ao grupo algumas obras da artista plástica Rosana Paulino⁷. Inicialmente compartilhamos com o grupo a biografia resumida da artista. Quando selecionamos um artista visual, ao reproduzir uma obra artística, apresentamos seu título, autor e ano de produção e se possível a técnica de sua produção. Outros elementos merecem destaques no encontro online, ou seja, por telas, tais como a dimensão da obra e o uso de

⁵ Dentre as diferentes obras de Ane Mae Barbosa destacamos para esta elaboração Arte-Educação no Brasil (1978) e Ensino de Arte no Brasil: História e Memória (2008).

⁶ Por respeito aos participantes da formação decidimos deixar o município anônimo. Para contextualização da experiência destacamos alguns dados para compreender a dimensão. Com a população de aproximadamente 60 mil habitantes o município possui seis escolas estaduais, sendo uma escola técnica e 5 escolas municipais que atendem o ensino fundamental. Durante 2021, nós atuamos na formação de diretores das escolas de ensino fundamental, incluindo a vice-diretora da escola com o maior número de estudantes.

⁷ Artista visual brasileira. Acesso: <https://rosanapaulino.com.br/>

técnicas mistas. Esses elementos apoiam os participantes em suas leituras, hipóteses e construção de narrativas. Em seguida, foram apresentadas algumas de suas obras para fruição e abrimos o diálogo para construção coletiva de conhecimento sobre a obra, destacando estranhamentos, hipóteses interpretativas e outras conversas.

A experiência tem mostrado que há mais repertório dos participantes, para leitura de vídeos e músicas do que para obras literárias e artes visuais. Com frequência, as artes visuais geram longos silêncios entre os participantes e se faz necessário o planejamento da intervenção do formador contribuindo com a leitura, destacando pontos e realizando perguntas que favoreçam a interação dos participantes com a obra selecionada. No caso do momento cultural deste exemplo, para cada imagem apresentada foi destinado um tempo de fruição e questionamentos para favorecer a leitura dos participantes.



Figura 1 - Série Bastidores, Rosana Paulino, 1997. Acervo MAM-SP

A primeira imagem apresentada foi a da Série Bastidores, figura 1. Para este momento, planejamos três questões para envolver os participantes com o objetivo de favorecer sua relação com as imagens, construção de suas próprias leituras e a percepção do debate racial presente na obra. A saber: que sentimentos são gerados em vocês a partir dessa imagem? O que há de semelhante nas imagens das três mulheres? Qual relação é possível entre o nome e a imagem?

A partir destas três questões abrimos a conversa. A primeira diretora a expressar sua relação com a obra diz: “Alessandra, a sensação é de aperto. Não ver, não falar. Traz muito essa questão da opressão”. Neste momento, o papel da formadora é mediar a conversa e não direcionar a discussão para que outras pessoas do grupo possam se colocar. Na sequência, outra diretora coloca: “eu vejo que esse bordado malfeito e como é feio me chama atenção. Diante dessa colocação eu pergunto: isso é um bordado? Parece mais o avesso do bordado”. Uma terceira diretora emenda comentando: “as fotos são antigas e as três são negras. Acho que é do período da escravidão”. Diante desta colocação uma

quarta diretora adverte as demais: “São fotos antigas, mas do século 20. Eu não sei, mas parece que mostra a condição dessas mulheres”. Destaco como elementos de leitura estética são construídas pelo grupo na troca e quando a quinta diretora me pergunta o nome do suporte do bordado que está na imagem posso questionar ainda o grupo sobre a relação entre o nome da série “Bastidores e os sentidos da imagem”. Neste momento, a primeira diretora faz um apontamento que, aparentemente contempla o grupo: “Você fez essa pergunta e penso que mostra essas mulheres nos bastidores da imagem e na vida. Toda vez que aparece na novela e nos filmes como empregadas, cuidado dos filhos e essas coisas. Eu não sei explicar muito bem”. Apesar de dizer que não sabe explicar, ela constrói uma relação importante entre os elementos da obra. Deixo algumas indagações sem respostas e continuamos conhecendo mais outras obras da Rosana Paulino.



Figura 2 - Assentamentos(s) - Adão e Eva no paraíso brasileiro, Rosana Paulino, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

Em seguida, realizo a apresentação da obra Assentamento(s) – Adão e Eva no paraíso brasileiro ao grupo e deixo que apreciem por alguns minutos,. Na sequência destaco que vamos nos aprofundar na leitura da imagem que está ao fundo desta instalação.

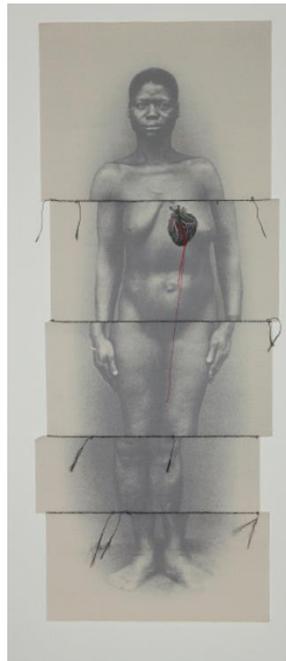


Figura 3 - Destaque da imagem ao fundo da figura 2 - Rosana Paulino.

Para leitura da figura 3, parte da instalação presente na figura 2, planejamos questões mais abertas, permitindo assim que os participantes pudessem interagir com a imagem e ao mesmo tempo mobilizar a discussão anterior em sua narrativa. Desta forma, perguntamos ao grupo: “O que desperta mais interesse de vocês nesta imagem? Quais são as semelhanças e diferenças entre as duas obras apresentadas da Rosana Paulino?”. A primeira diretora a participar da discussão, que ainda não havia se colocado na conversa sobre essa obra, aponta: “chama atenção o coração e o vermelho que parece sangue” e outra diretora completa: “tudo preto e branco e o coração parece estar sangrando”. É interessante perceber como os elementos relacionados a cores ganham destaque e se complementam. Dentro do grupo uma diretora se sobressai nesses momentos, devido à sua frequente participação. Ela faz uma colocação importante na leitura da imagem: “o sangue é uma linha bem fina e o coração foi colocado depois”. Sinalizamos a pertinência do comentário - o que, como temos observado, costuma incentivar a participação dos demais que ainda não se expressaram - e na sequência, outra participante se expressa, ela aponta que as duas imagens selecionadas são fotografias, construindo uma comparação entre as duas obras. Para aprofundar a discussão e a leitura delas da imagem: questionamos o grupo: “as duas imagens são da mesma época?”

Após alguns segundos de silêncio, a diretora que apontou a colagem afirma: “parece uma imagem antiga, eu não sei bem.” Para instigar mais o grupo, perguntamos: “vocês já viram outras imagens assim?” O silêncio se estendeu um pouco. Então trazemos para o grupo a informação de que essas eram fotografias de escravizados no Brasil, que essa era uma prática muito comum à

época e que muitas dessas fotos estão no museu Afro Brasil⁸. Para dar continuidade, questionamos: “as partes desta imagem formam um conjunto perfeito?” Neste momento, uma diretora que estava até então calada intervém: “Não se juntam perfeitamente não. E essas linhas incomodam”. Como o grupo não continuou realizando outros apontamentos, voltamos a indagar: “quando fragmentamos uma parte inteira e juntamos desta maneira ela tem a mesma força que antes ou fica mais frágil?” A mesma diretora dá continuidade à sua leitura e incomodo: “É mais fácil. Ela não está junta direito. Pode ser isso que ela quis dizer com essa costura”. Diante da necessidade de encaminhar a discussão para um encerramento apresentamos alguns conceitos mobilizados por Rosana Paulino nestas obras e que foram construídos por eles em nosso diálogo.

Primeiro, o olhar para a memória da população negra por meio dos retratos “três por quatro” de pessoas negras, especialmente de sua família, e reproduzi-la em grandes séries para estabelecer a discussão sobre invisibilidade e visibilidade. A noção de bordado, costura e o universo feminino e popular, mas também, da sutura como procedimento médico, violento e necessário. Olhar a frente e o verso, a costura e seus processos. A questão da fragmentação e inteireza. A humanização pela exposição do coração “órgão associado aos sentimentos” de negras escravizadas e desumanizadas. Retomada de uma nova noção de tempo e sua circularidade por meio da busca do retrato que remete a raízes e o sentido de assentamento. As diferentes noções de assentamento de registro escrito, averbação, do assento como lugar e dentro das religiões de matrizes africanas como “firmar energias ou plantar axé”.

Esses foram pontos destacados visando aprofundar e sistematizar o conhecimento do grupo, ou melhor, inspirada na Rosana Paulino, assentar o conhecimento produzido coletivamente neste primeiro momento. Após essa reflexão, lançamos o desafio de olharem mais uma última obra da artista. Para essa obra nós também estávamos mais inseguras. Conhecíamos menos essa série da artista e sabíamos que viriam coisas interessantes do grupo mobilizadas pelas cores e outra forma de representação associada à leveza da aquarela. Pensando no tempo planejamos apenas uma pergunta: “Quais sentimentos e descobertas mobilizam está obra da Rosana Paulino?”

⁸ O Museu Afro Brasil Emanuel Araujo é uma instituição da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, administrado pela Associação Museu Afro Brasil - Organização Social de Cultura. Está localizado no Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, dentro do Parque Ibirapuera.



Figura 4 - Série Jatobás, Rosana Paulino, aquarela e grafite sobre papel, 2020.

A primeira intervenção apontou: “eu gosto mais desta! As cores e os galhos saindo dos olhos”. Outra diretora completou: “Eu acho que mostra a força da mulher, negra, com folhas nas mãos”. O grupo parecia mais engajado e uma terceira diretora apontou: “eu acho que mostra as raízes”. Preocupada com a gestão do tempo, trouxe algumas ideias para o grupo sobre essa série que, na época, era a mais recente da artista e como esta obra traz muitas inquietações, esses riscos marcados nas mãos. É muito interessante a percepção dessa série com outras aquarelas e o nome da obra, Jatobá, é uma espécie presente no cerrado e na Amazônia e seu nome é de origem Tupi que significa “árvore com frutos duros”. Quando estava finalizado esse ponto da pauta uma participante pediu a palavra e avaliou este momento.: “Alessandra, eu fico um pouco sem saber o que falar. Tenho medo de falar alguma coisa errada e acho que não temos muito conhecimento sobre esse **tema**. É difícil colocar alguma coisa e fico um pouco constrangida. Nem sei se devia falar algo, mas é verdade. Eu nem sei se posso falar. Queria só dizer isso”.

Apesar da intencionalidade de trazer para a formação momentos culturais que contemplassem a ampliação do repertório cultural, estético e artístico do grupo e, simultaneamente, impactar no letramento racial dos participantes, a colocação da diretora em sua transparência a situar as relações raciais como tema, mexeu profundamente comigo e meu percurso profissional. No momento sinalizei: “Muito importante sua colocação. Ela evidencia que precisamos discutir mais, tanto sobre obras de arte e artistas negros como sobre as relações raciais e a equidade racial dentro da educação. Vou tentar trazer mais coisas para a gente discutir nesse momento cultural e em outros momentos da pauta.” Ela respondeu pelo chat do google meet: “Vai ser importante. Às vezes, eu não sei falar”.

MOMENTO CULTURAL: CONCEIÇÃO EVARISTO

A segunda prática selecionada para discutir o momento cultural foi a partir da leitura e apreciação do poema: “A noite não adormece nos olhos das mulheres”⁹ de autoria da escritora Conceição Evaristo¹⁰. Antes de apreciarmos o texto, realizei uma apresentação da autora com uma breve biografia e uma imagem. Perguntei ao grupo se alguém conhecia essa escritora, apenas um participante apontou que sim, mas ainda não havia se dedicado à leitura de uma obra completa e sim de alguns poemas. Os demais desconheciam totalmente a escritora. Após a leitura do poema iniciamos a apreciação coletiva a partir da questão: O que vocês destacam do texto?

Após a questão, vivenciamos alguns segundos de silêncio. Em minha prática percebo que suportar o silêncio do grupo é muito importante e exige uma flexibilidade de delicadeza dentro da formação. Após alguns segundos a primeira contribuição apareceu. “Eu acho que a noite não adormece mesmo para as mulheres. Estamos sempre preocupadas com alguma coisa.” Outra diretora afirma: “eu achei tão bonito ‘há mais olhos que sono’”. Após estas duas colocações, o grupo permaneceu em silêncio, perguntei: “Vocês conhecem Beatriz do Nascimento, para quem Conceição Evaristo dedica essa poesia?” A maioria sinalizou pelas telas que não. Para contextualizar o grupo, apresentei a intelectual¹¹, uma imagem e uma pequena biografia, e retornei ao grupo: por que Conceição Evaristo dedica para ela essa poesia?

Neste momento, percebi o grupo mais tímido e silencioso que durante outros momentos. Uma diretora afirma, quase sem graça, por conta do silêncio: “essa triste lembrança é a perda dela.” Depois de sua colocação outro silêncio alongado. Para favorecer o diálogo sugeri retomar a última estrofe, solicitando que alguém a lesse. Após a leitura, perguntei: “este verso desperta quais sentidos em vocês?”

Depois que entramos no incomodo do grupo o silêncio foi preenchido. Percebi isso quando uma das participantes afirmou: “Ela está falando de menstruação, né?” Não respondi à pergunta e voltei ao grupo. Pela tela eram perceptíveis o sorriso tímido e o constrangimento, mas outra diretora aponta: “eu fico em dúvida. Talvez, por sermos todas mulheres”. Uma terceira diretora entra na conversa aprofundando a discussão: “ela fala de reter e expulsar a vida. Essa rede é de mulheres e suas crianças, mas também entre mulheres, como você

⁹ Você pode realizar a leitura do poema no site: <https://peita.me/blogs/putablog/a-noite-nao-adormecenos-olhos-das-mulheres-por-conceicao-evaristo>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

¹⁰ Linguística, professora universitária e escritora. Acesso: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>

¹¹ Historiadora, pesquisadora e poeta. <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1422-beatriznascimento>.

falou da Beatriz que foi salvar a amiga. A gente está sempre atenta e cuidado de tudo.” Sem tempo para entrar mais nessa discussão, uma quarta diretora pergunta: “alguém conhece estes nomes? Eu não conheço”. Sem resposta do grupo eu explico que Ainás, Nzingas, Ngambeles são mulheres que resistiram e lutaram contra a colonização. Após a minha explicação, uma diretora completa: “Ela está falando disso, né? Que hoje outras mulheres também fazem isso” e finalizando a conversa, a mesma diretora que fez a pergunta: “por isso, ela se dedicou a poesia”.

Encerrei o momento cultural destacando os inúmeros sentidos dos olhos que são capazes de ver, chorar e dormir. Como essas imagens aparecem na poesia. Como o corpo aparece trazendo temas que são tabus como menstruação e a escrita “vagina aberta”. Destaquei que ela coloca em contradição imagens de força e delicadeza e retomei o último verso, “pacientemente cose a rede”, como uma imagem que mostra a continuidade e traduz força e delicadeza.

APRENDIZAGENS

O momento cultural não é apenas uma abertura ou ritual de acolhimento nas nossas reuniões, ele tem a intencionalidade de ampliação do conhecimento estético, artístico e literário dos nossos participantes e possibilita novas formas de lidar com a realidade. Ana Mae Barbosa (1978) aponta que não se ensina pela arte, se contamina. Pensar a formação profissional em sua integralidade inclui a dimensão estética e a vivência deste processo constrói impacto dentro das escolas que atuam.

Sendo o racismo tabu social na sociedade brasileira, existe uma vigilância em torno de como essa pauta entra em debate. Normalmente, longe dos profissionais mais interessados, o vocabulário para discussão da pauta racial é muito empobrecido e as imagens deturpadas, e os estereótipos raciais se evidenciam também por meio da curadoria. Em nossas experiências formativas escutamos muito o termo “tema”, “assunto”, “questão” para se referir as relações raciais. Estas são formas, como nos Ensina Eliana Cavalleiro no qual o silêncio da gestão escolar e dos professores serve de mecanismo para exclusão do problema e a forma pode oferecer um espaço seguro pelo qual podemos aprofundar o letramento racial dos participantes.

A partir da experiência vivenciada em diferentes municípios e ações que ultrapassam estas duas apresentadas, sistematizamos cinco cuidados fundamentais para o desenvolvimento desta experiência.

Se faz necessário o planejamento cuidadoso para o engajamento e a participação do grupo, preparando questões para mobilizar o olhar e o repertório dos participantes;

Investir na construção de vocabulário para as questões raciais durante as formações: questão racial, racismo, discriminação etc.

O cuidado com a curadoria é indispensável, pois, não basta apenas a apresentação de obras e autorias negras, é necessário atenção à propriedade estética, aos elementos de apoio para leitura e construção de narrativas do grupo;

A consciência racista vigente desconsidera a diversidade de narrativas negras buscando sempre homogeneizar. Neste sentido, é importante mobilizar distintas narrativas e perspectivas, abrindo-se para a complexidade;

Acolher o grupo e seus desconhecimentos apontando que isso é parte do processo formativo, tendo em vista, a arte como parte da formação integral dos sujeitos.

Muitas vezes o grupo pode mobilizar estereótipos racistas para sua leitura, pois esse imaginário é vastamente difundido. Uma estratégia é devolver em forma de questionamento para que possa repensar nas narrativas construídas e em alguns casos, cabe apontar a simplicidade da leitura e o estereótipo associado.

REFERÊNCIAS BLIOGRÁFICAS

CAVALLEIRO, E. S. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

BARBOSA, A. M. Arte, Cultura e Educação In: Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

LEITE, Maria Isabel. Museus de arte: espaços de educação e cultura. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. (Org.) Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte. Campinas: Papirus, 2005.

ALMEIDA, Célia M. C.; CAMARGO, Ana Maria F.; SILVA, Silvia M. C. Repertório cultural de professores/as da educação básica de Uberaba e Uberlândia, MG. Relatório de pesquisa, 2007.

NASCIMENTO, A. D. O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. CARNEIRO, A. S. A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser. São Paulo: FUESP, 2005.